

## AS ESPECIALIDADES E O ENSINO DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

CAETANO, Carmem

Universidade de Brasília

[carmemjena@gmail.com](mailto:carmemjena@gmail.com)

**Resumo:** Neste artigo, apresento algumas reflexões acerca da interdisciplinaridade. O objetivo é discutir que esta forma de fazer pedagógico, ainda precisa de maiores debates. Parto do entendimento de que as disciplinas acadêmicas resultam de recortes e seleções arbitrários, historicamente constituídos, expressões de interesses e relações de poder que ressaltam, ocultam ou negam saberes. Desta forma, nunca é demais ressaltar a necessidade de se estabelecer uma prática de diálogo entre as áreas do conhecimento que nos leve às relações e as conexões de ideias. Pensar a interdisciplinaridade enquanto processo de integração recíproca entre vários campos de conhecimento “*capaz de romper as estruturas de cada uma delas para alcançar uma visão unitária e comum do saber em parceria*”, conforme afirma Palmade (1979), é sem dúvida, uma tarefa que demanda, de nossa parte, um esforço de rompimento de uma série de obstáculos ligados a uma racionalidade extremamente positivista da sociedade atual.

**Palavras-chave:** interdisciplinaridade; especialidade; ensino

### 1. Introdução

Início minha arguição com a constatação de que muito já se disse acerca da interdisciplinaridade. Entretanto, ainda não foi possível formalizar um conceito capaz de unir epistemólogos e filósofos em torno de um consenso. No Brasil, já há uma tradição ampla e bem consolidada de trabalho interdisciplinar na investigação. No entanto, no ensino isto ainda não está a acontecer de forma satisfatória. Esta contradição é mais evidente no âmbito pedagógico. Difundi-se um conhecimento fragmentado e exige-se um indivíduo por inteiro.

Tal constatação encontra respaldo nos resultados apresentados em pesquisa diagnóstica para o início do trabalho com a disciplina de Leitura e Produção de Textos Acadêmicos (doravante, LPTA) realizada com alunos e alunas da graduação de cinco cursos da área de saúde, a saber: Saúde Coletiva, Farmácia, Fisioterapia, Enfermagem e Terapia ocupacional com o objetivo inicial de escuta com vistas ao planejamento disciplinar. O resultado foi alarmante, uma vez que, a esmagadora maioria dos/as entrevistados/as relataram não vislumbrar a necessidade de cursarem a disciplina já referida. A essa constatação, atribuo o fato da Educação Superior no Brasil ser marcada por um modelo de conhecimento linear e fragmentado. Desta forma, por acreditar na necessidade de romper com a tendência fragmentadora e desarticuladora do processo do conhecimento que se justifica pela compreensão da importância da interação e transformação recíprocas entre as diferentes áreas do saber é que lhes trago a presente reflexão.

## 1.1 Uma constatação preliminar

A compreensão de uma análise crítica colabora para a superação da visão do pensamento e do conhecimento, que vem colocando a pesquisa e o ensino como processo reprodutor de um saber parcelado que conseqüentemente muito tem refletido na profissionalização, nas relações de trabalho, no fortalecimento da predominância reprodutivista e na desvinculação do conhecimento do projeto de uma sociedade mais justa.

Uma das possibilidades de reverter tal situação é o maior investimento em posturas metodológicas interdisciplinares. Claro está que se trata de tarefa árdua. É preciso que se diga que não pretendo preocupar-me com a definição de interdisciplinaridade. Nem é preciso uma vez que há inúmeras obras que o fazem. Só para citar algumas, lembro-me dos trabalhos de Carlos (2008); Monfardini (2005); Pombo (2004); Fazenda (1993) entre tantos outros.

Entre tantos pesquisadores que já se debruçaram sobre os estudos interdisciplinares, anco-ro-me no pensar interdisciplinar de Bianchetti (2010:10) para quem, a interdisciplinaridade, no campo da filosofia do sujeito, decorre de uma perspectiva vinculada à filosofia idealista, a qual evidencia a autonomia das ideias ou do sujeito pensante sobre os objetos. O autor afirma que as discussões atualmente existentes em torno do tema, são hegemônicas e remetem à “concepção a-histórica do objeto científico denominado interdisciplinaridade” (p:11). Ainda segundo o autor supracitado, tal concepção “caracteriza-se por privilegiar a ação do sujeito sobre o objeto, de modo a tornar o sujeito um absoluto na construção do conhecimento e do pensamento” (*op.cit.*: 23). Portanto, discutir acerca de interdisciplinaridade, requer um pensar sobre outros domínios.

Seguindo esta linha de raciocínio, o certo é que a interdisciplinaridade é mesmo capaz de não ser qualquer coisa que se faça atualmente. Isso porque ela situa-se “em algum lugar, entre um projeto voluntarista, algo que nós queremos fazer, que temos vontade de fazer e, ao mesmo tempo, qualquer coisa que, independentemente de nossa vontade, se está inexoravelmente fazendo, quer queiramos quer não” Pombo (2004:5). Portanto, parece ser nesta tensão entre estas duas dimensões apontadas por Bianchetti e por Pombo (2004) que nós, docentes, indivíduos particulares, na precariedade e na fragilidade das nossas vidas, procuramos caminhos para fazer alguma coisa que, por nossa vontade e porventura independente dela, é urgente repensar.

## 1.2 Interdisciplinaridade: primeiras palavras

O meu objetivo com esta sessão é desenvolver uma linha de raciocínio que nos permita compreender alguma coisa daquilo que se pensa sobre interdisciplinaridade. Tentar compreender por que é que se estamos trabalhando com interdisciplinaridade, pelo menos por enquanto, não estamos a conseguir ver efetivado no comportamento de nossos/as alunos/as indicativos favoráveis ao saber interdisciplinar.

É fato que tais saberes podem contribuir efetivamente para se sistematizar o ensino do conhecimento e viabilizar mudanças no modo de pensar o ensino da disciplina LPTA que ainda se estrutura fragmentadamente para nossos/as discentes que muitas vezes a veem com uma disciplina que traz conteúdos de pouca relevância se comparados aos demais conteúdos específicos de seus cursos.

Por esta razão, permito-me realizar uma breve digressão e deixar claro que a prática docente, ao adotar a interdisciplinaridade como metodologia no desenvolvimento do programa curricular não está a significar o abandono das disciplinas nem se supõe que o/a professor/a tenha que ter uma “pluri-especialização” bem difícil de imaginar, com o risco do sincretismo e da superficialidade. No entanto, penso que temos que ter uma maior consciência da realidade que nos cerca em nossos cursos de graduação, para que fenômenos complexos sejam observados, vistos, entendidos e descritos com a finalidade de tornar-se cada vez mais importante a confrontação de olhares plurais na observação da situação de aprendizagem.

Silva e Souza (1995) apontam a necessidade de desfazer os equívocos existentes na prática pedagógica no Ensino Superior, e apostar na interdisciplinaridade, isto é, defender uma metodologia, um novo tipo de pessoa, mais aberta, flexível, solidária, humana, democrática e crítica.

A interdisciplinaridade corresponde a uma nova consciência da realidade, a um novo modo de pensar, que resulta em um ato de troca, de reciprocidade e integração entre áreas diferentes de conhecimento, visando tanto à produção de novos conhecimentos, como a resolução de problemas, de modo global e abrangente.

Interdisciplinaridade é o processo de integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação de disciplinas entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que exerçam a cidadania, mediante uma visão global de mundo e com capacidade para enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade que sempre são perpassadas pela linguagem. (LUCK, 2001: 64).

Desta forma a interdisciplinaridade comporta em sua identidade a interação disciplinar e o ensino de língua materna é componente basilar da formação do cidadão, nas várias dimensões requeridas pela sociedade. Além disso, fica claro que, somos por excelência seres de comunicação. No encontro discursivo com os outros, nós descobrimos quem somos, nos compreendemos, crescemos em humanidade, mudamos para melhor e nos tornamos fator de transformação da realidade em que vivemos.

Linguagem e cultura, indissociáveis que são, já implicam multiplicidade. Se as relacionamos à educação formal, nos vemos desafiados pela complexidade do cotidiano (ZACCUR, 2002:93).

Embora transpareça como uma fonte de trabalho a mais para o profissional da área de Letras, o desafio em ministrar a disciplina LPTA precisa ser redirecionado para a interdisciplinaridade. Uma vez transposto este desafio percebemos que a ausência da simpatia para com a aprendizagem de conteúdos da disciplina deixa de ser um dificultador do processo de ensino-aprendizagem a final a língua perpassa todas as áreas do conhecimento. É bem verdade, que muitas das vezes os/as professores/as se encontram diante de um panorama no mínimo peculiar cujos principais agravantes são descritos por discentes com ingredientes que resumo nos seguintes aspectos.

“Não gosto de ler, nem tenho tempo para ler.” Aluna de Enfermagem.  
“Só lembro de escrever naquelas aulas de redação” Horrível!” Aluno de Farmácia.

Quando convidados/as a responder por que é preciso escrever textos relacionados ao gênero acadêmico como resumos, resenhas e artigos, limitam-se a responder com as seguintes perguntas: LPTA? Por quê? Para quê? Eu não faço Letras.

Penso que estas respostas são frutos de uma educação cartesiana que dividiu por muito tempo as áreas do conhecimento e que, portanto, neste quesito estou inteiramente de acordo com aqueles/aquelas que percebem a necessidade de produzirem trabalhos interdisciplinares com o objetivo de repensar a *resistência à especialização*. Por isso, a interdisciplinaridade é o lugar onde se pensa hoje a condição fragmentada das ciências e onde, simultaneamente, se exprime a nossa nostalgia de um saber unificado.

Em concordância com Pombo (2004), entendo por especialização, uma tendência da ciência moderna, exponencial a partir do século XIX e que se estende até os nossos dias. Sabemos que a ciência moderna se constitui pela adoção da metodologia analítica proposta por Galileu e Descartes. Isto é, se constitui justamente no momento em que se adotou uma metodologia que se lhe permita “dividir” cada totalidade, cindir o todo em pequenas partes por intermédio de uma análise cada vez mais fina. Ao dividir o todo nas suas partes constitutivas, ao subdividir cada uma dessas partes até aos seus mais ínfimos elementos, a ciência parte do princípio de que, mais tarde, poderá recompor o todo, reconstituir a totalidade. A ideia subjacente é a de que o todo é igual à soma das partes.

Segundo Pombo (2004), sob os nossos olhos, a ciência continua esse movimento em direção a uma cada vez mais profunda especialização. Especialização que tem produzido resultados notáveis, magníficos. Não podemos recusar nem menosprezar, nem esquecer, que foi este procedimento analítico da ciência moderna que deu origem a todos os conhecimentos e a todo o bem-estar que lhe devemos. Talvez não valha a pena reforçar aqui os seus aspectos positivos. Todos os conhecemos. A nossa vida depende deles a cada instante. Porém, se não podemos esquecer, diminuir, negar os benefícios da ciência moderna, tanto em termos de compreensão do mundo como de melhoria das nossas vidas isso não pode ser impeditivo do reconhecimento dos custos que a especialização trouxe consigo.

Em primeiro lugar, custos ao próprio especialista que se transforma em uma criatura estranha, alguém que sabe cada vez mais acerca de cada vez menos. Em segundo lugar, como já nos ensinou Snow (1959), o século XIX estava já latente sob a forma de oposição entre as ciências da natureza e ciências do espírito. Snow reencontra essa ruptura no seu tempo, em termos de diagnóstico, na existência de duas culturas que deixam de comunicar. “De um lado, os intelectuais literatos, do outro os cientistas. Entre os dois um hiato mútuo de incompreensão e, às vezes, particularmente entre os jovens, de hostilidade” (Snow, 1959:4). A especialização é aqui, sobretudo, essa incomunicabilidade entre ramos fundamentais do que era antes “a cultura científica”. Mas Snow vai mais além e aponta como raiz dessa separação, o caráter incompleto dessas duas culturas. Diz ele: “os cientistas nunca leram uma obra de Shakespeare e os literatos não conhecem a segunda lei da termodinâmica” (Snow, 1959: 15). Cada grupo desconhece e ignora o que o outro faz, chegando mesmo, em alguns casos, a considerar que o que o/a outro/a faz não tem qualquer interesse. Isso por si só já bastaria para entendermos o motivo de nossos/as graduandos/as não conseguirem ver sentido algum em estudar LPTA uma vez que cursam áreas da saúde.

Mas, retornemos a reflexão sobre as especializações. Pombo (2004) nos ensina que também do ponto de vista institucional, a especialização tem consequências gravíssimas. Como se sabe, a ciência é hoje uma enorme organização dividida internamente por inúmeras comunidades de pares, de cada uma com os seus congressos, as suas revistas, as suas

bibliotecas, os seus territórios, os seus espaços institucionais. Essas comunidades constituem agregados competitivos que lutam por apoios, subsídios, financiamentos, novos equipamentos etc. já não se trata de os/as cientistas viverem de costas uns/umas contra os/as outros/as, de desconhecerem o que os seus/suas colegas estão a fazer. Trata-se agora de competir naquilo que deveria ser de todos/as, de cada um/uma procurar defender os seus interesses particulares, se possível, retirando os benesses do/a colega ao lado.

Ainda com base nos estudos de Pombo (2004:8), nem sempre foi assim. Sabemos que, por diversas vezes na história da ciência, foram desenvolvidas pesquisas em simultâneo. Que diversos/as investigadores/as podiam ter uma mesma ideia, mais ou menos na mesma época e que, quando isso acontecia, estávamos perante um acontecimento festivo, um dos mais belos e significativos acontecimentos da racionalidade imanente à produção científica. A existência dessas descobertas simultâneas traduzia-se, em geral, no fato de os/as cientistas envolvidos/as serem consagrados/as em conjunto por uma mesma descoberta. Hoje, é tudo isto que está em ruína. “O projeto de investigação demarca seu terreno *antes* de haver qualquer descoberta, antes mesmo de iniciar verdadeiramente a investigação que se propõe a fazer” (*idem, ibidem*). Para que outros/as não possam trabalhar no mesmo objeto, para inviabilizar ou dificultar tanto quanto possível as descobertas simultâneas.

Não é certamente porque os investigadores/as sejam hoje mais perversos/as do que antigamente. É porque, sendo a ciência cada vez mais cara, os/as investigadores/as precisam de grandes financiamentos. E, para tal, precisam garantir lucros e desta forma se vê instaurado um círculo de competitividade com foco em algo que esta inexoravelmente distante do resultado da pesquisa com um fim em si mesma.

Obviamente, não podemos achar que esta é a única causa da falta de entusiasmo de nossos/as alunos/as. Se pensarmos assim estaremos correndo o risco do reducionismo. Por outro lado, há além dos custos culturais e institucionais de uma ciência especializada, outros tipos de custos que devem ser levados em consideração. A questão da heurística é uma delas. Explico. É que paradoxalmente, no estado de enorme avanço em que nossa ciência se encontra, o progresso da investigação se faz, cada vez mais, no cruzamento das suas hipóteses e não tanto no interior de uma só disciplina. Ou seja, num número cada vez maior de casos, o progresso da ciência deixa de ser pensado como linear ou como resultante de uma especialização cada vez mais funda, mas ao contrário, e cada vez mais, depende da fecundação recíproca de umas disciplinas por outras, da transferência de conceitos, problemas e métodos, numa palavra do cruzamento interdisciplinar. Trata-se de reconhecer que determinadas investigações reclamam a sua própria abertura para conhecimentos que pertencem, tradicionalmente, ao domínio de outras disciplinas e que só essa abertura permite aceder a camadas mais profundas da realidade que se quer estudar. Estamos perante transformações epistemológicas muito profundas. É como se o próprio mundo resistisse ao seu retalhamento disciplinar.

A proposta interdisciplinar é indispensável para se aplicar no processo educacional na sociedade atual, pois dela pode-se desvelar ao/às nossos/as alunos/as a visão da totalidade, desenvolver o espírito crítico e criativo por meio das atividades cotidianas desenvolvidas numa academia, para nelas perceber a multiplicidade de relações entre as disciplinas, pensamento, sentimento, valores e aprimorá-los, a fim de superar e ultrapassar contradições e diferenças.

Então, uma preocupação latente é que de fato a interdisciplinaridade no ensino superior pode auxiliar na dissociação do conhecimento produzido e orientar a produção de outra ordem de conhecimento, constituindo condição necessária para a melhoria da qualidade

da educação nas universidades mediante a superação da fragmentação uma vez que se orienta para a formação geral do ser humano.

## 2. O ensino de LPTA

A sociedade atual exige que a universidade não somente capacite os acadêmicos para futuras habilitações nas especializações tradicionais, mas principalmente, que tenha em vista a formação de leitores/as e escritores/as proficientes.

O/A professor/a universitário/a está hoje inserido/a em um contexto de extrema importância para a cultura e para o desenvolvimento econômico, cultural e social de qualquer país. O fazer deste/a profissional se insere no contexto da elaboração dos produtos simbólicos, cuja valorização perpassa por parâmetros muitas vezes diferenciados daqueles utilizados para a cotação das produções materiais como bem nos ensinou Bourdieu (2007).

O certo é que os/as professores/as da área de Letras que ministram a disciplina LPTA, oferecida nos primeiros semestres da graduação, deparam-se com um forte desafio. No entanto, tal desafio pode se transformar em um excelente espaço de diálogo interdisciplinar, com chances de melhoria da qualidade de produção textual desses/as discentes.

Penso que é necessário refletirmos acerca da interdisciplinaridade como uma proposta que está aí e que de repente, ficou sendo considerada quase que uma obrigação. Não discordo que seja salutar utilizarmos a interdisciplinaridade como uma ferramenta. Ela realmente é importante, o que falta é pararmos para pensar se aquilo que dizemos que é uma ação interdisciplinar realmente o é. Se for utilizar da interdisciplinaridade que o façamos com consciência e, não, por modismo, mas que tenhamos claro com que objetivo.

Pensar a interdisciplinaridade enquanto processo de integração recíproca entre vários campos de conhecimento “*capaz de romper as estruturas de cada uma delas para alcançar uma visão unitária e comum do saber em parceria*”, conforme afirma Palmade (1979), é sem dúvida, uma tarefa que demanda, de nossa parte, um esforço de rompimento de uma série de obstáculos ligados a uma racionalidade extremamente positivista da sociedade atual.

A discussão da função social da disciplina LPTA na universidade foi e continua a ser um dos assuntos mais polêmicos entre os discentes de outras áreas do conhecimento que não o da Linguística. No entanto, as recentes mudanças na conjuntura mundial, com a globalização da economia e a informação dos meios de comunicação têm trazido uma série de reflexões sobre o papel social da linguagem e mesmo da universidade dentro do novo modelo de sociedade.

O contexto histórico vivido nesse milênio, caracterizado pela divisão do trabalho intelectual, fragmentação do conhecimento e pela excessiva predominância das especializações, demanda a retomada do antigo conceito de interdisciplinaridade que no longo percurso do século passado foi sufocado pela racionalidade a ponto de hoje nós não mais sabermos mais se estamos ou não trabalhando com a interdisciplinaridade. Entretanto, mais importante do que conceituar é refletir a respeito de atitudes que se constituem como interdisciplinares.

O certo é que a interdisciplinaridade enquanto aspiração emergente de superação da racionalidade científica positivista, aparece como entendimento de uma nova forma de institucionalizar a produção do conhecimento nos espaços de pesquisa, na articulação de novos paradigmas curriculares e na comunicação do processo de perceber as várias disciplinas; nas determinações do domínio das investigações, nas constituições das linguagens

partilhadas, nas pluralidades dos saberes, nas possibilidades de trocas de experiências e nos modos de realização das parcerias.

Esta realização integrativa, interativa, permite-nos visualizar um conjunto de ações interligadas de caráter totalizante e isenta de qualquer visão parcelada, superando-se as atuais fronteiras disciplinares e conceituais.

Em face de tais ideias, torna-se necessário repensar a produção e a sistematização do conhecimento fora das posturas científicas dogmáticas, no sentido de inseri-las num contexto de totalidade. Dessa forma, a complexidade do mundo em que vivemos, passa a ser sentida e vivida de forma globalizada e interdependente; o que coloca a necessidade de se recuperar o sentido da unidade que tem sido sufocada pelos valores constantes das especialidades. A compreensão crítica do mundo, da sociedade, cultura e do homem contemporâneo, depende da inter-relação entre as disciplinas (ou ciências), pois, o isolamento e a fragmentação jamais darão conta da complexidade do real.

Trabalhar a interdisciplinaridade não significa negar as especialidades e objetividade de cada ciência. O seu sentido reside na oposição da concepção de que o conhecimento se processa em campos fechados em si mesmos, como se as teorias pudessem ser construídas em mundos particulares sem uma posição unificadora que sirva de base para todas as ciências, e isoladas dos processos e contextos histórico-culturais. Desta forma, concordo com Pombo (2004) que nos ensina que a interdisciplinaridade tem que respeitar o território de cada campo do conhecimento, bem como distinguir os pontos que os unem e que os diferenciam. Essa é a condição necessária para detectar as áreas onde se possa estabelecer as conexões possíveis. Como observa Gusdorf (1976: 26), *“a exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade, tomando consciência de seus próprios limites para colher as contribuições das outras disciplinas”*.

Finalmente, uma última palavra para dizer que a interdisciplinaridade se deixa pensar, não apenas na sua faceta cognitiva – sensibilidade à complexidade, capacidade para procurar mecanismos comuns, atenção a estruturas profundas que possam articular o que aparentemente não é articulável – mas também em termos de atitude – curiosidade, abertura de espírito, gosto pela colaboração, pela cooperação, pelo trabalho em comum. Sem interesse real por aquilo que o/a outro/a tem para dizer não se faz interdisciplinaridade. Só há interdisciplinaridade se somos capazes de partilhar o nosso pequeno domínio do saber, se temos a coragem necessária para abandonar o conforto da nossa linguagem técnica para nos aventurarmos num domínio que é de todos/as e de que ninguém é proprietário exclusivo. Não se trata de defender que, com a interdisciplinaridade, se alcançaria uma forma de anular o poder que todo saber implica, mas de acreditar na possibilidade de partilhar o poder que se tem, ou melhor, de desejar partilhá-lo. Para isso podemos começar a desvelar o saber que lhe corresponde, explicitando-o, tornando-o discursivo, discutindo-o. Talvez, assim, não tenhamos mais que justificar a importância de disciplinar como Leitura e Produção de Textos em cursos de quaisquer outras áreas que não as de Letras.

### Referências

- BACHELARD, Gaston. *La formation de l'esprit scientifique, contribution à une psychanalyse de la connaissance objective*. Paris: Vrin, 1975.
- CAETANO, Carmem. *Medicina paliativa e análise de discurso crítica: identidades, ideologia e poder*. Brasília. Tese de doutorado. UnB. 2009.
- CARLOS, Jairo Gonçalves. *Interdisciplinaridade no ensino médio: desafios e potencialidades*. Brasília. Dissertação de mestrado. UnB. 2008
- FAZENDA, Ivani. *Práticas Interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 1993.
- GUSDORF, Georges. "Les modeles épistémologiques dans lês sciences humaines". *Bulletin de psychologie*, 397, 18 XLIII, 1990.
- MONFARDINI, Clementina. *Práticas interdisciplinares na escola*. Espírito Santo do Pinhal. *Educação Resenha*. v.01, n3. 2005.
- POMBO, Olga. *Interdisciplinaridade. Ambições e limites*. Lisboa: Relógio d'Água. 2004.
- SNOW, Charles. *The two cultures and a second look. Na extended version of the two cultures and the scientific revolution*. London: Cambridge University Press.1959.